

## Política de Bolsonaro tira emprego e comida do prato das mulheres

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Média de mulheres em situação de insegurança alimentar, com Bolsonaro, aumentou mais que em outros países. Elas também foram mais atingidas pelo desemprego do que os homens. Aumentou quatro vezes mais que a média mundial o número de brasileiras que afirmam que não ter dinheiro para comprar comida, segundo dados levantados pela pesquisa FGV-Social, da Fundação Getúlio Vargas, que traça um comparativo sobre insegurança alimentar entre o Brasil e outros 120 países. E não adianta culpar a pandemia do novo coronavírus. “É claro que a pandemia agravou a situação, mas o Brasil, desde 2016, já vinha sendo golpeado pelas políticas neoliberais do golpista Temer”, afirma Juneia Batista, Secretária da Mulher Trabalhadora da CUT, que acrescenta: “Depois, com Bolsonaro, tudo piorou ainda mais porque além de não ter um plano de enfrentamento à Covid, ele simplesmente terminou de destruir políticas sociais, principalmente as voltadas para as mulheres”. O resultado disso é que a fome entre as brasileiras aumentou seis vezes mais que a média dos outros países, que também sofreram com a pior crise sanitária do século. Enquanto em outros países a fome cresceu 33%, no Brasil subiu 47%. Incluindo as crianças que, normalmente estão mais próximas e são cuidadas pelas mães, o total de brasileiros com fome passa de 20 milhões. São pessoas sem emprego, sem renda e sem o direito de ter uma vida alimentação digna. Aliados aos ataques às políticas voltadas às mulheres que têm sido destruídas, a condução da economia e o ataque aos direitos trabalhistas têm provocado ainda mais a exclusão das mulheres do mercado de trabalho, o que também contribui para a deterioração das condições de vida. “A cada cem mulheres, 30 estão desempregadas e, por serem mulheres, elas permanecem mais tempo fora do mercado de trabalho. Só na pandemia, no trabalho doméstico, mais de 1,5 milhão de trabalhadoras perderam seus empregos”, explica a economista do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (Cesit) da Unicamp, Marilane Teixeira. Além disso, ela diz, os impactos da crise econômica que foi aprofundada pela pandemia ainda não foram reabsorvidos, ou seja, “a maior parte das mulheres que perderam o emprego na pandemia ainda não conseguiu trabalho. Os níveis de ocupação não retornaram ao que era antes”, diz Marilane. O impacto do maior número de mulheres fora da força de trabalho tem consequências mais graves do que apenas o desemprego. “Cerca de 48% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres. Se elas não têm emprego, não têm renda e não têm como sustentar a família. Por isso os índices de insegurança alimentar aumentaram nos últimos anos”, explica a economista. “Junte-se a isso o rendimento em queda, a inflação em alta e tudo faz com que a mulher tenha que administrar os recursos, cada vez menores. Quem organiza todo esse cotidiano é a mulher. Ela é quem sente mais o impacto, tem que depender de solidariedade, da comunidade, da cesta-básica doada. Ela sabe que o grande responsável por toda essa situação é o governo”, diz Marilane. Políticas sociais O conjunto de ações que vinham sendo desenvolvidas pelos governos progressistas de Lula e Dilma, ambos do PT, foram desmantelados. Exemplo citado por Marilane Teixeira é oferta de creches. “Dados recentes, de 2021, entre as crianças mais pobres, 70% de zero a três anos está fora de creches, por não ter creches suficientes, assim como não há oferta suficiente também de escola integral para que as mães tenham quem cuidar dessas crianças enquanto trabalham”, afirma a economista do Cesit/Unicamp. Por estes e outros motivos como a ideologia e o discurso fascista de Bolsonaro, diz Marilane, “seria estranho se ele não encontrasse nas mulheres as principais forças de resistência ao seu desgoverno, porque elas são afetadas em todas as dimensões, são atacadas, ironizadas, violentadas e desqualificadas”, diz a economista se referindo aos altos índices de rejeição a Bolsonaro entre as mulheres.

